

# Associações do conceito de solidão na teoria e na clínica psicanalítica

*Associations of the concept of loneliness in psychoanalytic theory and clinical practice*

LAYDIANE PEREIRA DE MATOS

Pós-graduanda em Psicanálise Teoria e Clínica (UNIPAM)

E-mail: laydianep.matos@gmail.com

RAQUEL GONÇALVES DA FONSECA

Especialista em Psicanálise e Saúde Mental (IPSM - MG)

E-mail: raquelfonseca@unipam.edu.br

---

**Resumo:** Traçando um percurso que vai de Freud à Lacan, o presente artigo propõe pensar a solidão na teoria psicanalítica e seu possível manejo na clínica. Para isso, foram consultados artigos científicos em base de dados como Pepsic e Scielo, teses de doutorado, boletins nacionais e internacionais divulgados em jornadas de Escolas de Psicanálise, bem como blogs, entrevistas e livros de teóricos expoentes da área. Concluiu-se que, embora a solidão não tenha sido um tema propriamente formulado por Freud e Lacan, há indícios dela perpassando suas obras, permitindo-nos associá-la à constituição subjetiva e à formação dos laços sociais. Diferentemente de outras abordagens, a psicanálise não considera a solidão um sintoma e sim uma condição estrutural da existência do ser falante, apontando-a como posição ética a ser sustentada. Do analista espera-se que sua prática esteja orientada para o real, o que implica a aproximação e a análise da maneira como a solidão aparece escrita e como é vivenciada por cada um, podendo propiciar ao analisando a construção de uma forma mais singular e autêntica de ser e estar no mundo.

**Palavras-chave:** psicanálise; solidão; Outro; Um; contemporaneidade.

**Abstract:** Tracing a path from Freud to Lacan, the present article proposes to explore loneliness in psychoanalytic theory and its potential management in clinical practice. To do so, scientific articles were consulted from databases such as Pepsic and Scielo, doctoral theses, national and international bulletins disseminated in Psychoanalytic School conferences, as well as blogs, interviews, and books from renowned theorists in the field. It was concluded that although loneliness was not a theme explicitly formulated by Freud and Lacan, there are indications of its presence throughout their works, allowing us to associate it with subjective constitution and the formation of social bonds. Unlike other approaches, psychoanalysis does not consider loneliness as a symptom, but rather as a structural condition of the existence of the speaking being, pointing to it as an ethical position to be sustained. From the analyst, it is expected that their practice is oriented towards the real, which implies approaching and analyzing how loneliness is written and experienced by each individual, potentially enabling the analysand to construct a more unique and authentic way of being and existing in the world.

**Keywords:** psychoanalysis, loneliness; Other; One; contemporaneity.

---

## 1 INTRODUÇÃO

“Não sinto mais vontade de sair de casa, pois, ao sair, me arrumo, me perfumeio, me maquio, mas, chegando lá (na festa), os homens nem olham para nós, mulheres! Só querem usar droga, beber, ou ficar ao celular!”. Essa frase, transcrita da fala de um paciente em atendimento clínico, sinaliza uma das muitas formas como a solidão e a tendência ao isolamento podem se apresentar no consultório psicanalítico. Frente a isso, o presente artigo objetiva pensar como a solidão pode ser lida mediante a psicanálise, traçando um percurso que vai de Freud à Lacan. Apesar de não ter sido por eles um conceito formalmente estruturado, podemos pensá-la trespassando todas as suas obras, no que tange à constituição subjetiva e à formação dos laços sociais, bem como sendo índice da angústia nos sujeitos (TATIT; ROSA, 2013). O artigo objetiva ainda pensar como a solidão pode ser manejada na clínica contemporânea frente ao discurso capitalista, que tende a negá-la ou tomá-la como ideal, em que significantes como liberdade, autonomia, autossuficiência e bem-estar soam como norma (FERRARI, 2008).

Ao mesmo tempo em que a solidão pode associar-se a diversos conceitos, sendo objeto de estudo e expressão em diferentes áreas, pensá-la na psicanálise implica levar em conta a ética psicanalítica de não nos remetermos a concepções universalizantes. O conceito de solidão comporta sempre algo do vazio, deixando abertura para que algo mais possa ser escrito (TATIT; ROSA, 2013). Assim, este artigo não pretende precisar de forma conclusiva como esse conceito discorre na teoria psicanalítica, nem delimitar com exatidão (como uma espécie de manual da clínica) como o analista deve manejá-lo em sua prática. Trata-se, antes, de um transitar pela teoria, buscando estabelecer conexões ou alguma substância teórica a esse vasto afeto, que, ao mesmo tempo em que é vasto por estar sempre presente, é também fugidio em sua definição.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Segundo o dicionário, a palavra “solidão” significa “estado ou condição de pessoa que se sente ou está só; isolamento”, bem como “sensação ou condição de pessoa que vive isolada do seu grupo” (SOLIDÃO, 2023). Em linhas gerais, pode-se dizer que a solidão é uma experiência de difícil definição que abre margem para que autores, pesquisadores e poetas se debruçem sob o tema nas mais diversas áreas, como na literatura, filosofia e sociologia. Nessas áreas, ora ela é referida ao sentimento de isolamento, ora é referida a uma condição existencial (HANSKY, 2020).

Na psicanálise, o conceito de solidão não teve uma formulação própria, mas pode-se dizer que, de Freud a Lacan, diversos outros conceitos por eles desenvolvidos nos permitem associá-lo à constituição do sujeito e a seus modos de gozo (CAMARGO, 2019; HANSKY, 2020). A psicanálise trabalha com o ser falante e sua diversidade de afeto, portanto, não se debruça na análise da solidão como um fenômeno isolado, mas, sim, toma-a como parte dessa miríade que o compõe. (TATIT; ROSA, 2013).

## 2.1 ASSOCIAÇÕES DO CONCEITO DE SOLIDÃO NA TEORIA FREUDIANA

Em Freud, podemos associar a solidão com o conceito de desamparo – condição trágica e incurável da experiência humana que, ao mesmo tempo em que isola o homem, marca seu destino de ligar-se ao outro (HANSKY, 2020). Diferentemente de outras espécies, o bebê humano, quando vem ao mundo, não é capaz de satisfazer suas próprias necessidades e depende inteiramente do cuidado de um outro para ter sua sobrevivência garantida. Porém, esse outro que garante os cuidados básicos ainda se mostra insuficiente em garantir respostas absolutas para as questões e os sofrimentos inerentes à existência, como a ambiguidade das exigências culturais, o saber sobre o terrível e o irrepresentável da morte etc. (MOGRABI; HERZOG, 2006; HANSKY, 2020). Freud<sup>1</sup> (1927/1996), citado por Herzog e Mograbi (2006), assinala ainda que, como condição inexorável de desamparo, o homem sofrerá com a decadência e os desprazeres que advêm do próprio corpo, das forças incontroláveis da natureza e do relacionamento com os outros homens.

Assim, posto que há algo que não é possível de compartilhar com o outro, de forma solitária o homem experimentará os sabores e os dissabores de seu nascimento, das nuances de seus sentimentos e emoções, dores, lutos, velhice etc. E é por meio do laço social, de suas tessituras e articulações, que ele buscará companhia, respostas e garantias (HANSKY, 2020).

## 2.2 ASSOCIAÇÕES DO CONCEITO DE SOLIDÃO NA PRIMEIRA CLÍNICA LACANIANA

Lacan, na releitura da obra de Freud, desenvolve uma série de conceitos e paradigmas que contribuem para o desenvolvimento da teoria e prática psicanalítica. Assim, podemos dividir sua obra em dois momentos, que são caracterizados pela ênfase em um ou outro paradigma, não excludentes, mas complementares (MILLER, 2008; LEITE, 2020).

Segundo Miller<sup>2</sup> (2005 *apud* FERRARI, 2008), Lacan parte do social e da sociologia para se referir à constituição subjetiva, na qual o social é a realidade por onde se inscreve a relação do sujeito com o Outro, e a linguagem é condição primeva para que haja inconsciente — diferentemente de Freud, cujo ponto de partida para o entendimento psíquico foi a biologia, partindo da libido para teorizar o grupo e a civilização.

A primeira parte do ensino lacaniano é marcada pelas modalidades do Outro. Distinguimos o outro (com 'o' minúsculo) do Outro (com 'O' maiúsculo): o outro seria aquele que é, ao mesmo tempo, semelhante e adversário do sujeito, e que lhe devolve sua imagem corporal organizada, alienando-se nessa imagem sob uma vertente imaginária. Quando uma criança vem ao mundo, seu corpo não é por ela visto como coeso ou diferenciado do outro, e com esse outro semelhante (a mãe, o pai, a outra

---

<sup>1</sup> FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1927).

<sup>2</sup> MILLER, J. A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

criança...) ela passará a reconhecer os contornos de seu corpo, alienando-se e diferenciando-se do restante do contexto. Nesse momento, a criança crê-se amada por completo e por ser simplesmente quem é. Já o conceito de Outro marca uma ruptura nessa ilusão, ligando-se à vertente simbólica referida à passagem pelo Complexo de Édipo. No Édipo, com a constatação da diferença sexual entre os sexos e a experiência de diversas perdas e frustrações, o sujeito vai aos poucos percebendo que seu corpo não é tão completo e amado quanto imaginava; percebe que o outro ou tem algo que ele não tem, ou perdeu algo que ele ainda tem, mas está ameaçado de perder. Sob essa ameaça de perder uma parte de si, junto à descoberta de que o amor do outro por ela mesma não está garantido, a criança se vê impelida a fazer renúncias. Isso configura uma passagem de um querer selvagem de fusão sem lei com o outro para um desejo parcial mediado pela lei, socialmente aceito e calcado no enigma do desejo do Outro, que lhe parece onipotente. Se antes o momento era de fusão e harmonia com o outro semelhante, com a entrada no Édipo é preciso fazer uma separação e abdicar de parte dessa vontade voraz de fusão (ALBRECHT; SOUZA, 2021). No Outro, portanto, situamos a palavra, a linguagem, a lei, a cultura etc. e podemos defini-lo no registro simbólico como marca no sujeito efeito do discurso (FERRARI, 2008).

Ao avançar no conceito de Outro simbólico em contrapartida com o outro imaginário, no que se refere à constituição psíquica, Lacan traz uma de suas máximas, apontando o inconsciente estruturado como uma linguagem. Isso implica pensar que só há inconsciente a partir do contato com o Outro da linguagem e do simbólico. A partir de então, diversos termos freudianos são postos em causa pela vertente simbólica e tomados como presença ou ausência do significante (DIAS, 2006). A libido freudiana se apresenta como metonímia do desejo, que desliza entre significantes articulando-se ao enigma do desejo do Outro, e situa o sujeito no intervalo entre esses significantes (FERRARI, 2008). Ao se perguntar via significante “o que o Outro quer de mim?”, buscando nessa possível resposta obturar a falta estrutural à que está submetido (pois ao entrar na linguagem ele abdicou de uma parte de si), o sujeito se colocará a construir uma fantasia ou um mito individual que tentará responder a esse enigma segundo as regras da linguagem de metáfora e metonímia. Essa primeira clínica é uma clínica estruturalista que parte do mito do Édipo e do pai como ordenadores da subjetividade e que classifica neurose, psicose e perversão a partir da posição do sujeito no discurso (FERRARI, 2008; MILLER, 2008; SATO, 2019), em meio a esse deslizar metonímico de significantes em relação ao Outro (DO VALLE, 2020).

O manejo clínico, então, se dá a partir da relação transferencial do analisando com o analista, colocado como Outro para o analisando. Lacan<sup>3</sup> (1953/1998 *apud* DIAS, 2006, p. 282) indica que o sintoma, que comumente traz os sujeitos ao tratamento, é “o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”, opaco no discurso, e representa uma verdade que foi recalcada, sendo, portanto, passível de decifração. Ele é o resultado do modo como a rede de significantes foi transmitida ao sujeito através das vivências infantis, das formas de cuidado entre genitores e cuidadores nos primeiros anos de vida, e das formas de identificação para com essas figuras, com quem

---

<sup>3</sup> LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Em Escrito*. p. 238-324. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1953).

posteriormente compartilhará ideais (NOVAIS, 2022). Sendo assim, nesse momento, acreditava-se que numa análise era possível, via associação livre centrada no significante, chegar ao significado oculto e não expresso na linguagem dos sintomas (DIAS, 2006), implicando no apaziguamento do sofrimento e da angústia.

Mas se mediante esse raciocínio retomamos Freud, por exemplo, que indicava a condição de desamparo como inexorável e o outro como desprovido de garantias para aplacar tal condição, ainda assim o sujeito se vê só, mesmo frente à tentativa de suturação via significante. No campo do inconsciente estruturado como uma linguagem, o Outro não detém o significante que responderia à verdade das questões da vida e, a depender da forma como os significantes foram dispostos ao sujeito e da forma como deles ele faz uso, o sujeito se verá singularmente às voltas com seus devaneios e enredos arranjados, buscando estruturar a ficção que dê conta desse desamparo (HERZOG; MOGRABI, 2006; FERRARI, 2008; NOVAIS, 2022). Há então a solidão do sujeito na sua posição frente à linguagem e ao Outro, na construção da e posição na fantasia ordenadora do mundo e na originalidade do seu uso e captura dos significantes (FERRARI, 2008; MILLER, 2008; SATO, 2019).

Podemos pensar ainda na solidão como aquela que aparece quando esse arranjo de saber frente ao mundo se rompe ou encontra falhas, fazendo tocar naquilo que de mais íntimo o sujeito tem, exigindo dele um novo arranjo (MILLER, 2008; SATO, 2019). Essa solidão é aquela do que não pode se escrever na relação do sujeito com o significante, que é não recoberto de todo pelo simbólico. Entre o sujeito e o Outro da linguagem, haverá sempre um resto extraviado, representante da solidão (DO VALLE, 2020).

### 2.3 ASSOCIAÇÕES DO CONCEITO DE SOLIDÃO NA SEGUNDA CLÍNICA LACANIANA

Se ao final do século XIX Freud entra na psicanálise através das histéricas e sua devoção ao Outro, Lacan, a partir de 1950, aos poucos avança na teoria ao se esbarrar com o real presente nos casos clínicos (BELINTANI, 2003; SADALA; MARTINHO, 2011). Miller<sup>4</sup> (2005 *apud* FERRARI, 2008) aponta que algo da libido freudiana que vinha sendo relida por Lacan como o desejo articulado ao Outro fazia objeção à teoria do discurso e suas regras, pois, mesmo com as decifrações e sentidos encontrados num tratamento analítico, algo da libido ainda não se movia. Podemos citar como exemplo dessa fixidez e resistência à simbolização o real das psicoses e das parcerias amorosas, que, muitas vezes, dizem respeito a um gozo não regido pela égide edípica fálica.

A partir do *Seminário, livro 20 - mais, ainda* temos a virada da primeira para a segunda clínica lacaniana, com a ênfase nos conceitos de real e de gozo como forma de dar conta daquilo que resiste à decifração ou à estruturação simbólica (SATO, 2019). Lacan indica nesse seminário que a linguagem não é índice da verdade do sujeito, que ela é também gozo, podendo ser puro engano e não nos dizendo nada, por mais que o sujeito fale. Apesar de ser também aparato de gozo, o simbólico é a via pela qual temos acesso a algo do real, mas esse pedaço de acesso não é o real em si. A linguagem é, então,

---

<sup>4</sup> MILLER, J. A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

uma elucubração de saber sobre o real, que nos faz chegar à dimensão do inconsciente, objeto de trabalho do analista, mas que não localiza o sujeito por completo. O sujeito da segunda clínica não está mais no entredito da cadeia significante, pois “o significante é besta”, e sim, está no além do dito, tocando certa parte do real onde a linguagem não alcança (LACAN, 1972-1973/2008).

[...] a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernente à função de alíngua. [...] O inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa muito o de que podemos dar conta a título de linguagem (LACAN, 1972-1973/2008, p. 149).

O que se produz com essa virada no ensino é que, se antes prevalecia a linguagem com seu sentido gozado (já que a linguagem e a busca por sentido são meios de gozo), agora existe lalíngua, que vêm antes da linguagem, incide no gozo e inaugura o trauma e o corpo do ser falante, deixando um furo impossível de significação a posteriori (PIMENTA, 2021; NOVAIS, 2022). Conforme ressalta Pimenta (2021, p. 1), lalíngua é anterior à linguagem e ao Outro e pode ser definida como “os estilhaços do choque da linguagem com o corpo, que comporta gozo”. É o enxame de significantes sozinhos – e não de palavras, mas, de significantes sozinhos – que institui o Um do gozo e sua impossibilidade de comunicação. Desse enxame de significantes sozinhos (S1’s), chamado lalíngua, recorta-se um significante (S1), que se articulará a outro (S2), fazendo efeito de significação e entrando no campo da linguagem. A linguagem a partir daí (S1-S2) será uma elucubração de saber sobre lalíngua, da qual dela restarão apenas seus ressoares, expressos inclusive no sintoma (PIMENTA, 2021; NOVAIS, 2022).

A ênfase dada ao conceito de Outro e à busca de sentido pela via da linguagem na primeira clínica, volta-se agora para o conceito de gozo do Um, rastro de lalíngua e seus efeitos no corpo (SATO, 2019). Se antes havia uma falta localizada no Outro, agora o que há é um furo no lugar de lalíngua, vazio de representação. O termo sujeito contrasta e se distingue do termo falasser, que designa esse Um sozinho, o Um do gozo que vem antes da linguagem no tempo constitutivo de lalíngua (PIMENTA, 2021; NOVAIS, 2022). Esse Um não se amarra ao Outro, é anterior a ele e dele se diferencia (LACAN, 1972-1973/2008), bem como não se pode alcançar o Um a partir do Outro, mas sim seu contrário: parte-se do Um e de seus ressoares para chegar ao Outro (DARRIGO, 2019).

Como direção clínica, se no primeiro ensino tínhamos o interesse voltado para a decifração do sintoma, temos nesse momento a direção da redução do sintoma (condicionado pela linguagem) ao sinthoma (condicionado por lalíngua) (MILLER, 2008; NOVAIS, 2022). Sinthoma é um conceito criado por Lacan ao analisar a obra do escritor irlandês James Joyce, que evidenciava a forma como um sujeito não inserido totalmente nas normas da linguagem pôde construir suplência a essa carência através da escrita. Lacan identifica que Joyce e seu sinthoma se tratavam de algo separado, exilado, totalmente singular, que serviam de recurso à carência simbólica e à defesa da intrusão do gozo desordenado (MILLER, 2008; LIMA; OLIVEIRA, 2021). O sinthoma é uma forma

particular de enlaçar real, simbólico e imaginário, e trata o sintoma como algo que vem do real, e, não mais prevalentemente do simbólico (FERRARI, 2008). Ele é o que há de comum entre o sintoma (que faz o sujeito sofrer) e a fantasia (enredo de sentido, meio de gozo), apreendendo a forma singular pela qual o sujeito goza, mas em seu funcionamento positivo (MILLER, 2008). Com seu advento, Lacan radicaliza a clínica e coloca em segundo plano as classificações diagnósticas. O Nome-do-Pai, significante organizador da cadeia significante alicerçada no Outro mediante regras da linguagem, nesse segundo momento é mais um nome dentre os diversos modos possíveis de gozar. Com isso, podemos dizer que todos os seres falantes deliram, pois cada um arranja à sua maneira a forma de contornar o traumático de la língua, com ou sem Nome-do-Pai (MILLER, 2008).

Sobre a solidão e suas associações possíveis nesse momento, podemos pensá-la a partir de quando a trama de saber tecida em torno do Outro se rompe, deixando o Outro e suas garantias de existir. O que se acessa aí é a solidão verdadeira, efeito de uma ausência, à que o sujeito comumente responde fazendo sintoma, tentando escrever o que está ausente. O sintoma é o retorno, via substituição significante, do gozo não simbolizado (DIAS, 2006; DARRIGO, 2019). Porém, por mais que o faça e repita (sabemos como a repetição do sintoma é presente na clínica), tal repetição não é capaz de apaziguar essa ausência de representação, que ainda insiste e persiste. A isso que persiste e que não é possível de mediação, Lacan<sup>5</sup> (1954-1955/1992 *apud* DIAS, 2006, p. 209) define como real: “o real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro, do objeto essencial que não é mais um objeto, porém este algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam”. Se o sintoma é uma solução de compromisso frente ao impossível de nomear que permite fazer laço, por outro lado, ele deixa esse resto não assimilável, não tratado. Orientado para a face de real que há no sintoma, o *sinthoma* é o nome desse incurável, designando esse elemento que não desaparece, que é constante, e que é o que há de mais singular no falasser (MILLER, 2008). Poderíamos então pensar na solidão associada ao gozo do Um e seu *sinthoma*? Darrigo (2019) e Sato (2019) nos indicam que sim. A solidão referida ao gozo do Um e seu *sinthoma* é aquilo que, no ser falante, não faz par com o Outro, em que – por mais que ele tente falar, dar sentido, se defender ou direcionar – é impossível de apagar, partilhar e significantizar. Se a relação sexual não existe, se o Outro deixa de existir, há em contrapartida, o real, o gozo, o *sinthoma* e o Um. Há a solidão.

## 2.4 SOLIDÃO ESTRUTURAL

Se de certa maneira nunca estamos sós, em função da incidência do Outro da linguagem, no nível do gozo, estamos condenados à solidão, ao gozo do Um, considerando que a relação sexual não se escreve. Quanto à solidão, sim, ela se escreve (NUNES, 2019, *online*).

---

<sup>5</sup> LACAN, J. *O seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Original publicado em 1954-1955).

Marie Helene Brousse<sup>6</sup> (2019 *apud* DARRIGO, 2019) indica que a solidão é uma ilusão, posto que, por estarmos submetidos à linguagem, é impossível nos desvencilharmos das marcas do Outro. Se falamos, estamos inseridos na linguagem, e, mesmo estando sós, ainda falamos, pensamos, endereçamos para o Outro, com o Outro, a partir do Outro. Daí, a máxima de que é possível estar sozinho, mas não sem o Outro, nunca sozinho por demais. Quando a trama de saber em torno desse Outro se suspende, o que acessamos são os efeitos de sua ausência, efeitos de linguagem e de inconsciente. Deparamos então com a verdadeira solidão (DARRIGO, 2019).

Bassols também corrobora o conceito de solidão verdadeira. Ele indica que, em virtude da pluralidade dos objetos e das diferentes possibilidades de relação com o mesmo, as solidões podem ser distintas. Há então a solidão com e a solidão sem o Outro (2015, tradução nossa). A solidão verdadeira, mais radical, seria aquela onde não é possível fazer par com o objeto, configurando-se numa solidão sem representação possível no lugar do Outro (BASSOLS, 2009, tradução nossa).

Como síntese desse conceito a partir de Freud e Lacan, Alvarenga<sup>7</sup> (1997 *apud* HANSKY, 2020) propõe que a solidão em psicanálise é uma forma de desencontro estrutural inerente ao falasser. Não é necessariamente considerada um sintoma, mas sim uma resposta à constatação da falta do Outro, que, ao contrário de isolar, possibilita a criação de laços. Enquanto de ordem transestrutural (que atravessa as diferentes estruturas clínicas), ela pode ser tomada como ponto de ancoragem de onde será possível que o ser falante entre em contato com o que tem de mais íntimo, bem como pode ser índice de um desencadeamento, de um desarranjo naquilo que fazia estrutura (DO VALLE, 2020).

Sobre as diferentes estruturas, podemos pensar como a solidão atravessa cada uma delas. Na neurose, caracterizada pela pergunta acerca do desejo do Outro, temos hoje sujeitos em sua solidão que reclamam da falta de gozar, pois o gozo ofertado pelo capitalismo nunca é suficiente. O obsessivo reivindica a solidão como modo de ignorar ou evitar o desejo do Outro, buscando manter sua unidade imaginária fálica. A histérica mantém suas parcerias fálicas se fazendo objeto de desejo do Outro, mas numa solidão em que ela seja palco, onde seja o que falta ao Outro. Nesse mundo contemporâneo que tende a apagar o desejo em nome do gozo, em que o desejo não passa pelo outro, mas sim pelos objetos do capitalismo, a histérica sofre em sua deslocalização. Já a perversão, quando presente na clínica, traz o perverso como portador de um discurso sobre ter direito ao gozo, esperando que o analista sancione seu modo solitário de gozar. Na psicose, a solidão se evidencia na forma como o sujeito é ou não acolhido no discurso de cada época. O psicótico, muitas vezes, responde a esse discurso com delírios e predominância de fenômenos elementares, ou ainda – como ensinam muitas psicoses ordinárias – com a conformidade, com a vida vazia e ritualizada. Mesmo que ele não relate a solidão como sentimento, vivencia-a mediante a dificuldade de fazer laço na falta

---

<sup>6</sup> Entrevista de Marie-Hélène Brousse a respeito do tema das IX Jornadas da EBP-SP. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WFjnP6nSk9o&ab\\_channel=EBPSP](https://www.youtube.com/watch?v=WFjnP6nSk9o&ab_channel=EBPSP). Acesso em: 23 jan. 2023.

<sup>7</sup> ALVARENGA, E. A solidão. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 10, p. 10-14. nov. 1997.



do significante Nome-do-Pai, que é o ordenador da cadeia simbólica comumente compartilhado no discurso (FERRARI, 2008; DO VALLE, 2020).

## 2.5 O ISOLAMENTO COMO FALSA SOLUÇÃO FRENTE À SOLIDÃO

Em seu último ensino, Lacan, além de identificar que existem laços sociais que se dão fora da cadeia significante articulada pelo Nome-do-Pai, identifica que existe discurso que não estabelece laço social (FERRARI, 2008). Para título de reflexão sobre uma das formas de expressão da solidão nos sujeitos, vamos citar o discurso capitalista – contemporâneo à subjetividade de nossa época – como aquele que dificulta o estabelecimento dos laços, pensando junto os desafios e manejos implícitos à prática psicanalítica.

Com o advento da ciência e da tecnologia, a crença nos mitos, no Outro e em suas garantias declinaram. Não há enigma nem o Outro, pois o saber científico é uma certeza e o capital é o que ocupa lugar de mestria. Se antes tínhamos os objetos da pulsão de Freud e o objeto a de Lacan (para sempre perdido e causa de desejo em suas diferentes formas), com o discurso capitalista temos os objetos de consumo com a diferença de que prometem a completude, num discurso aliado aos ideais de liberdade e autonomia. Não há endereçamento a um Outro, pois, com tamanha autonomia e acessibilidade, é o sujeito quem comanda, bem como pode ser comandado pelo objeto que lhe garantiria a liberdade (TATIT; ROSA, 2013; BADYN; MARTINHO, 2018; CAMARGO, 2019).

O sujeito, na ilusão de existir a possibilidade de completude, vê-se seduzido. Mas, apesar de atraente, a promessa não logra êxito em aplacar o mal-estar constitutivo. O que ocorre é que esse discurso acentua o individualismo e dificulta o estabelecimento dos laços sociais, pois coletiviza a sociedade através de uma norma puramente mercantil, destituindo o sujeito ao estatuto de escravo-consumidor do objeto, dispensando o outro. Como consequência, vemos sintomas que já não se caracterizam pela busca ou falta de sentido, mas sim pelo excesso de gozo, já que se prega a felicidade plena como algo possível, e que a obtenção de mais e mais objetos é saída frente à ineficácia do objeto anterior. São necessários sempre novos e atualizados objetos, mais e mais esforço, já que na realidade nenhum objeto é capaz de acabar por completo com o mal-estar. Ao se depararem com o vazio, esses sujeitos transformados em escravos-consumidores vivenciam afetos como impotência, culpa, desânimo, desesperança e solidão. Nessa dinâmica, produz-se ao invés de uma solidão verdadeira – que remeteria ao contato com o mais íntimo de si – o isolamento de cada um com os objetos de gozo do capitalismo (FERRARI, 2008; TATIT; ROSA, 2013; BADYN; MARTINHO, 2018).

Na clínica, temos os significantes solidão e isolamento comumente recolhidos (DO VALLE, 2020). Cabe aqui fazer uma importante distinção entre eles. Sobre o isolamento, Bassols<sup>8</sup> (1994 *apud* GINDRO, 2019) indica que se trata de uma falsa solução neurótica que visa evitar o contato com a solidão estrutural, em que o sujeito se isola recorrendo a um objeto que o estimule sem se deparar com a verdadeira solidão. Para La Sagna (2007), o isolamento é correlato ao mais-de-gozar contemporâneo, pois é uma forma individualista e consentida de evitar a solidão à que o contato com o outro pode

---

<sup>8</sup> BASSOLS, M. *Revista Freudiana* n<sup>o</sup> 12. Barcelona: Paidós, 1994.

remeter. Se quando entramos em contato com o outro, podemos nos deparar com os desafios que esse relacionamento implica, constatando a ausência de completude da relação sexual, evitar esse contato com o outro se isolando é hoje uma defesa cada vez mais socialmente aceita. Como diferença primordial entre esses dois termos, temos que na solidão há uma separação do Outro sem excluí-lo, permanecendo uma fronteira. Já no isolamento há a recusa dessa fronteira, acentuando a unidade imaginária de ser único em sua completude – ideal próprio do discurso capitalista que aspira liberdade e individualidade (FERRARI, 2008; LA SAGNA, 2017).

## 2.6 SOLIDÃO HOJE: MANEJO CLÍNICO

[...] esse saber impossível é censurado, proibido, mas não o é se vocês escreverem convenientemente o inter-dito, ele é dito entre palavras, entre linhas. Trata-se de denunciar a que sorte de real ele nos permite acesso (LACAN, 1972-1973/2008, p. 128).

Até aqui pudemos traçar um percurso psicanalítico que vai de Freud à Lacan, associando alguns de seus conceitos com a temática da solidão. Vimos que solidão essa é um ponto estrutural e inalienável na constituição subjetiva, mas que, muitas vezes, aparece na clínica associada à queixa. Qual seria então a direção do tratamento?

Com Freud e Lacan, podemos apreender que, se há essa solidão estrutural como verdade que caracteriza os sujeitos e os faz funcionar de modo singular em busca de respostas, essa mesma condição lhes possibilita a construção do laço social (HANSKY, 2020). Portanto, antes de visar expurgá-la da rede de afetos daqueles que nos procuram na clínica, há que ter cautela, posto que ela também é ordenadora desses laços que garantiram a existência do sujeito (TATIT; ROSA, 2013).

Na primeira clínica lacaniana, o sujeito está no intervalo entre significantes e sofre porque se sacrifica em nome dos ideais sociais, dos significantes que o aprisionam. Assim, ele se isola ou se autoanula como forma de defesa para não se deparar com a verdadeira solidão (TATIT; ROSA, 2013). Bassols indica que o analista deve, num primeiro momento do tratamento, alojar-se no lugar do Outro através do amor de transferência (2015, tradução nossa), pois, dada a sociedade individualista em que vivemos (FERRARI, 2008), é preciso permitir que o sujeito saia do estado autoerótico da pulsão e entre no estado heteroerótico da transferência. Isso permitirá que ele enderece ao Outro, na função do analista, o questionamento de seu desejo, propiciando a partir daí o acesso à solidão do Um (BASSOLS, 2015, tradução nossa). Nessa contemporaneidade marcada pelo capitalismo e pelo individualismo, é importante que os sujeitos se identifiquem com o social, mas que não tomem por completo a figura do capital como mestre, e sim, que reste no horizonte o objeto a como vazio de representação, possibilitando margem para consentimento com a falta e com o real em jogo (FERRARI, 2008).

Não de forma síncrona, mas sempre no tempo singular de cada caso, após instalada a transferência, é esperado que, ao longo do tratamento, o analista não se mantenha nessa posição de Outro, pois estruturalmente essa posição desemboca em

respostas sacrificiais por parte do analisando – dinâmica que supostamente havia desencadeado o adoecimento inicial (TATIT; ROSA, 2013). Se a primeira clínica lacaniana é uma clínica da decifração via interpretação e nela o analista ocupa o lugar de Outro, a segunda clínica é uma clínica da cifração do gozo, com o analista em ato, em lugar de objeto a (LEITE, 2020), dando ares de acontecimento de corpo, semblante e traumatismo. É preciso então que ele esteja numa posição em que seja considerado um pedaço do real, suportando a estranheza e o sem sentido. Muitas vezes, essa posição será cara ao analista, pois lhe exigirá a reinvenção, o risco e certo exílio, com a qual o real está implicado, colocando seu próprio desejo de analista à prova (MILLER, 2008).

Segundo Alvarenga (2019), ao descobrir que o Outro não existe ou que ele não é portador do sentido das questões da vida, o analisando não se deixa desinteressar pelo Outro, mas, ao contrário, ele passa a vivenciar e a acessar os efeitos do inconsciente como furo. Dentre esses efeitos está a possibilidade da construção de um jeito próprio, singular, facilitando a assunção de uma solidão que não é mais de vertente queixosa, e sim, satisfatória, permitindo sair do isolamento enquanto defesa e da completa alienação ao Outro.

Portanto, na clínica contemporânea, o que o analista visa não é a decifração infinita do sintoma pautada numa crença no Outro, mas, sim, a cifração do gozo até chegar ao *sinthoma*. Miller indica que o analista orientado em relação ao *sinthoma* implica acreditar que ele (o *sinthoma*) já está lá no analisando, e que é preciso visá-lo através da manipulação dos nós, em ato. Há a singularidade do *sinthoma* em cada um, mas ela está recoberta pelo próprio sintoma, pelas repetições, pelos objetos e diversos modos de gozo. A posição do analista é a de aceder a esse osso, ao *sinthoma*, fazer vibrar o gozo, de forma a permitir a construção de novas formas de lidar com o real (2008), ou, com essa solidão, que é um dos nomes do real. A aposta de Lacan é no Um, e não no Outro, e o que se visa é essa redução de camadas até se chegar ao mais singular do sujeito. Para isso, é preciso dar a devida atenção aos momentos em que a presença de uma ausência inquietante se faz presente, em que momentos o sentido vacila, supondo que pode haver algo mais onde lá está a ausência de sentido (MILLER, 2008; TATIT; ROSA, 2013). Por isso, o relato da presença da solidão pode ser ponto guia do trabalho do analista num tratamento psicanalítico.

### 3 CONCLUSÃO

Eu, não é um ser, é um suposto a quem fala. Quem fala só tem a ver com a solidão, no que diz respeito à relação que só posso definir dizendo [...] que ela não se pode escrever. Essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 128).

Ao longo deste artigo, discorreremos sobre as possibilidades de associação do conceito de solidão com conceitos presentes na obra de Freud e Lacan, posto que ela não foi por eles algo consistentemente formalizado. Em Freud, correlacionamos o conceito

de desamparo; em Lacan, conceitos relacionados à singularidade dos arranjos significantes pelo sujeito e a ausência de representação e de sentido na primeira clínica estruturalista, bem como os conceitos de real, gozo, Um e sinthoma da segunda clínica. Diferenciamos a solidão estrutural, solidão verdadeira, do conceito de isolamento, que é uma defesa frente à solidão. Por último, discorreremos sobre qual seria a direção clínica hoje no manejo com sujeitos atravessados por esse afeto em suas narrativas.

Como síntese, a solidão na psicanálise pode ser lida como uma versão da castração freudiana e da ausência de representação e de sentido em Lacan. Ao mesmo tempo em que fundam o inconsciente, a castração e a ausência da relação sexual impossibilitam o estado de harmonia plena, e é o sujeito – e apenas ele naquilo que ele tem de mais íntimo – que terá de passar por todas as experiências relativas ao viver e ao morrer, com suas perdas e impossibilidades implicadas lá onde nem mesmo o aporte significativo aplacará por completo. Mesmo estando acompanhado do Outro e do outro, dos objetos, da linguagem, das artes, da literatura, da ciência etc., o sujeito ainda estará só, pois algo não será de todo recoberto por todo e qualquer um desses artifícios (MILLER, 2008).

Num processo de análise, é preciso esvaziar essa crença no Outro ou na totalidade dos objetos, para que o sujeito apareça e se reconheça em seu desejo. O analista não deve ser mais um a ofertar objetos ou sentido, a fim de obturar a falta, pois o Outro verdadeiro é aquele que deixa margem para a mesma, e que permite que o sujeito transite da completa alienação ao discurso para uma posição singular e autêntica perante à existência (TATIT; ROSA, 2013). Bassols comenta que a posição do analista se assemelha a uma folha em branco que permite que aquilo que não cessa de não se escrever apareça: uma folha em branco voltada para o inconsciente enquanto real. A solidão, como índice do real, denota a presença de uma ausência, que, ao ser escutada, poderá permitir ao sujeito a invenção de uma língua própria, possibilitando que o desejo transite entre linhas tortas escritas nessa folha em branco (TATIT; ROSA, 2013; CERA, 2019). Para tanto, é importante que o analista consinta junto do analisando com essa forma de tratamento que inclui estar a sós com esse furo de representação, para que dele se possa bordejar o que for possível (DO VALLE, 2020). Isso poderá permitir que uma nova forma de laço social se estabeleça, na qual se sabe da natureza dos objetos enquanto semblantes, e se está advertido de que o ideal compartilhado com os outros não é mais que uma escolha forçada, implicando numa perda a ser experimentada na solidão de cada um (MILLER, 2016).

À guisa de conclusão, não poderíamos deixar de colocar algo pessoal na escrita de um trabalho que versa sobre a singularidade e os efeitos que a aproximação com a solidão pode propiciar. A construção deste artigo especificamente com o tema escolhido levou alguns anos para ser concluída. Não por que não houvesse suporte material o suficiente (ao contrário, a solidão é um tema muito abrangente), mas sim porque talvez a própria temática fosse cara a quem a escreve. Numa defesa contra o saber mais a respeito da solidão, no medo de se deparar com o quê de seu poderia encontrar (ou não encontrar) nos textos e livros a serem lidos e pesquisados, na resistência à escrita e suas perdas (pois quando se escreve, algo se crava e algo se perde), o trabalho foi sendo adiado. Porém, como a solidão não nos abandona, mesmo evitando o confronto com a construção deste artigo, a solidão ainda aparecia aqui e ali, em um ou outro texto de

temática diferente, em um ou outro momento na relação com os outros, no desenrolar da vida cotidiana e da formação. E assim, fugindo da temática mas com ela sempre se deparando, chegou o momento em que foi necessário consentir: é preciso encarar a solidão e o trabalho que ela exige! É preciso encarar a impossibilidade de dela fazer o contorno perfeito, o medo de não dar conta, a perda que a escrita e a conclusão de uma etapa implicam. É preciso, entre outras coisas, para que seja possível avançar, sabe-se lá para onde, e reescrever um novo caminho calcado em “linhas tortas tecidas em torno do real que permitem o desejo passar”. É assim que se trabalha com a solidão, não buscando esgotá-la, mas, encarando-a, percorrendo-a, construindo algo a partir dela, cientes de que, apesar da tessitura construída, no fim sempre restarão pontas em aberto.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, E. Homens sem mulheres. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/homens-sem-mulheres/>.

ALBRECHT, F; SOUZA, M. Alteridades, modalidades do outro e práticas clínicas: algumas leituras em Lacan. *SIG Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 49-64, jan./jun. 2021. Disponível em: [https://www.sig.org.br/revista\\_sig/revista-18/](https://www.sig.org.br/revista_sig/revista-18/).

BADYN, R.; MARTINHO, M. H. O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 140-154, ago. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912018000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200003).

BASSOLS, M. 24ª Jornadas Anuales de La EOL. *Boletín 8*. Entrevista concedida a Gabriela Grinbaum, 01 jul. 2015. Disponível em: <http://jornadas2015.eol.org.ar/Ediciones/024/default.asp?Boletines/008.html>.

BASSOLS, M. Soledades II. *Desescrits de psicoanàlisi lacaniana*. 16 nov. 2009. Disponível em: <https://miquelbassols.blogspot.com/search?q=soledades+II>.

BELINTANI, G. Histeria. *Psic: Revista da Vetor Editora*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 56-59, dez. 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142003000200008#:~:text=Foi%20por%20meio%20dos%20atendimentos,pacientes%20com%20o%20referido%20diagn%C3%B3stico](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008#:~:text=Foi%20por%20meio%20dos%20atendimentos,pacientes%20com%20o%20referido%20diagn%C3%B3stico).

CAMARGO, M. B. Construir a solidão?. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/uns-tracos-construir-a-solidao/>.

CERA, F. A solidão e a adolescência. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/a-solidao-e-a-adolescencia/>.

DARRIGO, L. Solidão: a impossibilidade de fazer dois. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/uns-tracos-solidao-a-impossibilidade-de-fazer-dois/>.

DIAS, M. G. L. V. O sintoma: de Freud à Lacan. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200019>.

DO VALLE, F. A solidão e o isolamento nas psicoses. *Almanaque Online*, Belo Horizonte, v. 24, mar. 2020. Disponível em: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/almanaque24/67-solidao-psicoses>.

FERRARI, I. F. A realidade social e os sujeitos solitários. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 17-30, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100002>.

GINDRO, C. G. Uma falsa solidão. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/uma-falsa-solidao/>.

HANSKY, F. **A solidão e o laço com o outro em tempos de conectividade**: um estudo psicanalítico. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LA SAGNA, P. Do isolamento à solidão, pela via da ironia. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 44, p. 73-78, jul./dez. 2017.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LEITE, M. P. S. Na segunda clínica de Lacan a palavra não se dirige ao outro. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 169-181, jun. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282000000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000200013&lng=pt&nrm=iso).

LIMA, C. H.; OLIVEIRA, C. F. O conceito de inconsciente à luz do recurso a Joyce: o último ensino de Lacan. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 32, p. 1-11, ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180187>.

MILLER, J. A. Coisas de fineza em psicanálise. Orientação Lacaniana III. **Escola Brasileira de Psicanálise**, 2008. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/jacques-alain-miller-coisas-de-fineza-em-psicanc3a1lise.pdf>.

MILLER, J. A. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. **Opção lacaniana online nova série**. ano 7, n. 21, p. 01-16, 2016. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_21/teoria\\_de\\_turim.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf).

MOGRABI, D; HERZOG, R. Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 127-133, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200001>.

NOVAIS, P. S. Momentos de virada no ensino de Jacques Lacan: do inconsciente transferencial ao inconsciente real. **Almanaque Online**, Belo Horizonte, v. 16, n. 29, ago. 2022. Disponível em: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/49-almanaque17/470-virada-no-ensino-jacques-lacan>.

NUNES, L. Histeria e solidão. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/histeria-e-solidao/>.

PIMENTA, P. Lalingua, letra e acontecimento de corpo. *In: Boletim Ecos*. Boletim da XXV Jornada Da Escola Brasileira De Psicanálise Seção Minas Gerais. 2021. Disponível em: <https://www.jornadaebpmg.com.br/2021/lalingua-letra-e-acontecimento-de-corpo/>.

SADALA, G; MARTINHO, M. H. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 243-258, jul. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200006>.

SATO, S. Do ser à solidão da existência. *In: Boletim Traços*. Boletim da IX Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. 2019. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/do-ser-a-solidao-da-existencia/>.

SOLIDÃO. *In: Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/solid%C3%A3o/>.

TATIT, I; ROSA, M. D. Pra não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 136-143, out. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2013000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2013000200009).